Jorge Luis Borges – Do inferno e do céu

O Inferno de Deus não necessita o resplendor do fogo. Quando o Juízo Universal retumbar nas trombetas, a terra tornar públicas as vísceras, do pó ressuscitarem as nações para acatar a Boca inapelável, os olhos não verão os nove círculos da montanha invertida; nem os pálidos prados e seus asfódelos perenes onde a sombra do arqueiro então persegue, eternamente, a sombra ágil da corça; nem a loba de fogo que no ínfimo pavimento do inferno muçulmano é anterior a Adão e aos castigos; nem violentos metais e nem sequer mesmo a visível treva de John Milton. Não pesará odiado labirinto de triplo ferro e fogo doloroso sobre as almas atônitas dos réprobos.

Nem o fundo dos anos também guarda um remoto jardim. Deus não requer, para alegrar os méritos do justo, orbes de luz, concêntricas teorias de tronos, potestades, querubins, nem o espelho ilusório de uma música nem as profundidades de uma rosa nem o fulgor aziago de um somente de Seus tigres, tampouco o delicado de um ocaso amarelo no deserto, nem o sabor natal, antigo da água. Em Sua misericórdia, nem jardins

nem luz de uma esperança ou de lembrança.

No cristal de um sonho eu vislumbrei
o Céu e o Inferno todo prometidos:
ao retumbar o Juízo nas trombetas
últimas e o planeta milenário
for esquecido e bruscas já cessarem
ó Tempo! tuas efêmeras pirâmides,
teu colorido e linhas do passado
definirão na treva um rosto imóvel,
adormecido, fiel, inalterável
(o da amada talvez, quiçá o teu)
e a contemplação desse incorruptível
rosto contíguo, intacto e incessante
há de ser, para os réprobos, Inferno,
porém para os eleitos, Paraíso.

1942.

Jorge Luis Borges, O outro, o mesmo